

# André Hees

É jornalista e escreve às quartas-feiras neste espaço

E-mail: ahees@redgazeta.com.br

■ O Brasil investe pouco ou muito na educação? Como proporção do PIB, temos o padrão de países desenvolvidos. Mas a aplicação é desigual

## Investir em educação

A GAZETA publicou na primeira página, na sexta-feira passada, a diferença entre os gastos públicos com um preso e um estudante. Um preso tem o custo médio mensal de R\$ 2,3 mil, nas unidades do Estado, e um estudante do ensino fundamental, nas escolas municipais do Espírito Santo, custa R\$ 356,00, ou seis vezes menos. A conclusão é óbvia: é melhor investir mais no ensino do que tentar depois recuperar um criminoso – considerando que um presídio recupera alguém.

Mas, afinal, o Brasil investe pouco ou muito na educação? A resposta agora pode não ser tão óbvia. Como proporção do PIB, temos o padrão de investimentos de países desenvolvidos: 5,1%. A Alemanha investe 4% e o Canadá, 4,6%. Emergentes como a Coreia do Sul e a China investem entre 4% e 5%, com resultados muito melhores.

O problema é que o Brasil aplica os recursos de forma desigual: o ensino superior acaba absorvendo a maior

fatia dos gastos no setor. Dados do Inep, o instituto de pesquisas ligado ao Ministério da Educação, mostram que o custo de um aluno no ensino superior é de R\$ 17 mil por ano, contra R\$ 3,8 mil de um aluno do ensino fundamental. A distorção torna-se ainda mais grave se considerado que o estudante que chega às universidades federais geralmente pertence aos estratos mais ricos. Em artigo publicado na Veja desta semana, o economista Mailson da Nóbrega toca num tabu: a cobrança de mensalidade nas universidades públicas. Lembrando que não existe ensino gratuito: os gastos são sempre bancados pelo contribuinte. “Na China, a educação superior é paga. O governo subvenciona os alunos talentosos, cujas famílias não podem custear seus estudos.”

O orçamento pode não explicar tudo. A valorização da educação na China é um princípio enraizado na sociedade há milênios. O programa de avaliação estadual mostra que escolas de municípios como Venda Nova e Santa Maria de Jetibá conseguem alto desempenho porque contam com o envolvimento da comunidade. Existem exemplos, infelizmente minoritários, que mostram que é possível, sim, educação pública de qualidade no Brasil. Mas o país precisaria reavaliar a aplicação de seus recursos.

